

A "inveja de quarentena" pode finalmente despertar o debate acerca das profundas desigualdades que permeiam a vida estadunidense

Beth Daley

9 de setembro de 2020, 8h25

Nos últimos meses, os especialistas em saúde mental têm chamado a atenção para o que eles apelidaram de "[inveja de quarentena](#)".

Muitas pessoas, eles observam, têm avaliado até que ponto foram afetadas por bloqueios e dificuldades econômicas. Quem ainda tem um emprego? Quem começou a trabalhar em casa? Quem possui casa espaçosa, cheia de luz e digna da Instagram?

O início do ano letivo acrescenta outra camada de comparação. Pais presos em um pequeno apartamento com dois filhos forçados a aprender remotamente podem se doer pelo fato de que os filhos de seus amigos têm aulas presenciais em uma escola particular.

O que devemos fazer com esses sentimentos desagradáveis? Devemos reprimi-los ou racionalizá-los? Eles são vergonhosos demais para serem compartilhados?

A inveja é um dos sete pecados capitais do cristianismo - o pior de todos eles, diz o [pastor](#) em "Os Contos de Cantuária" (The Canterbury Tales), de Chaucer. Mas minhas pesquisas sobre a longa história da inveja mostram que a emoção tem muitos lados.

Alguns são certamente destrutivos. Mas a inveja também pode ser útil. O "pecado" pode nos ajudar a compreender melhor a nós mesmos e o mundo ao nosso redor - e pode ser um fator chave para a mudança social.



Contos de inveja

A inveja possui má reputação. Todo mundo a sente em um momento ou outro, embora muitas vezes não queiramos admitir que temos inveja das outras pessoas - escondendo o tipo de inveja que nos corrói e nos faz sentir-nos inferiores.

Os retratos de inveja podem mostrá-la como uma emoção espantosamente maliciosa. Uma versão de uma fábula popular conta a história de um homem invejoso e de um homem ganancioso recebendo um único desejo. A única condição é que a pessoa que não conseguir escolher a recompensa receberá o dobro do que o outro homem deseja. O homem ganancioso pede rapidamente que seja dada ao homem invejoso a escolha; o homem invejoso então deseja ser cego de um só olho.

Os retratos de inveja podem mostrá-la como uma emoção espantosamente maliciosa. Uma versão de uma [fábula popular](#) conta a história de um homem invejoso e de um homem ganancioso recebendo um único desejo. A única condição é que a pessoa que não conseguir escolher a recompensa receberá o dobro do que o outro homem deseja. O homem ganancioso pede rapidamente que seja dada ao homem invejoso a escolha; o homem invejoso então deseja ser cego de um só olho.

No poema de William Langland "[Piers Plowman](#)", a personificação da Inveja confessa que tudo o que ela quer é que algo ruim aconteça ao seu

vizinho, "Gybbe"; ela deseja isso mais do que deseja queijo (o que quer dizer muito, se você quer saber!).

Nessas histórias, a inveja é tipicamente definida como desejar infortúnio para os outros, desejar sentir-se superior de alguma forma, ou, pelo menos tornar as outras pessoas tão infelizes quanto você.

A literatura do final da Idade Média também está repleta de histórias que apontam a inveja como uma fonte de violência.

O cronista [Jean Froissart](#) descreve a agitação social associada à [Revolta dos Camponeses de 1381](#) como consequência da inveja que os plebeus tinham para com os nobres e os ricos.

Aqui - e em outros lugares - a inveja é um rótulo usado para diminuir as reivindicações políticas de um determinado grupo de pessoas. Em 2012, Mitt Romney acusou Barack Obama de praticar a "[política amarga da inveja](#)". Ou seja, a crítica aos ricos ou poderosos, bem como o desejo de que os ricos sejam mais tributados para financiar os serviços públicos, trouxe acusações de inveja mesquinha e ressentimento.

Quando a inveja estimula a mudança social

O entendimento moderno da inveja também está relacionado a outros tipos de sentimentos negativos, como a raiva de que alguém tem riqueza não merecida ou a frustração por certos grupos estarem acumulando dinheiro, poder ou privilégios.

Aqui é onde a inveja pode tomar um rumo que pode levar a melhores resultados. A inveja pode ser produtiva quando não é dirigida a uma pessoa em particular, mas sim à forma como a sociedade está estruturada.

Os economistas e cientistas políticos [reconhecem](#) cada vez mais que a redução da desigualdade pode ser um fim em si mesma. A inveja - mesmo o tipo de inveja competitiva nua e crua que procura prejudicar os outros sem nenhum ganho pessoal - pode funcionar para regular a desigualdade que cresceu demais.

O cientista político Jeffrey Green defende políticas impulsionadas por uma "[inveja razoável](#)" para com os ricos, mesmo que não haja expectativa de ganho para todos os outros. Por exemplo, ele diz que limitar a riqueza pode diminuir o bem-estar material para todos, mas valeria a pena reduzir a desigualdade, uma vez que a desigualdade excessiva ou injusta pode levar à instabilidade e ao sentimento de impotência entre os cidadãos comuns.

O economista Robert Frank prefere tributar o consumo para reduzir a "[febre do luxo](#)", na qual os gastos competitivos aumentam enormemente, especialmente entre os super-ricos, deixando menos dinheiro para os indivíduos e para o governo gastar em serviços essenciais.



Ilustração da personificação da inveja a partir de um manuscrito medieval. [Biblioteca Morgan](#).

Os cientistas políticos Meghan Condon e Amber Wichowsky abrem seu novo livro, "[The Economic Other](#)", com a frase: "A imaginação humana é um motor de comparação".

Em seus estudos, elas mostram que a política é impulsionada pela imaginação social - e os estadunidenses têm menos oportunidades de comparação devido à crescente segregação de classe que existe nessa

sociedade. Os estadunidenses de classe média e mais pobres vêem os ricos on-line e na TV, mas não na vida cotidiana. As autoras acreditam que as políticas poderiam se tornar mais justas se houvesse mais oportunidades de "comparação ascendente" - se os estadunidenses comuns pudessem simplesmente ver, em seu dia-a-dia, até que ponto os ricos levam vidas extravagantes. Suas pesquisas sugerem que a comparação invejosa levaria a um maior apoio aos gastos do governo com o bem-estar, a Previdência Social e a educação.

Morando com a inveja

Aristóteles tem uma definição muito mais específica - e negativa - de inveja. Em sua opinião, essa emoção é dirigida aos nossos iguais. Tornamo-nos invejosos quando nossos vizinhos têm algo que desejamos e acreditamos que merecemos, e quando sentimos que é nossa própria culpa não possuímos tal coisa boa.

Ele distingue a inveja de outros sentimentos comparativos como emulação, indignação ou piedade. Este tipo de distinção é útil, porque pensar cuidadosamente nas emoções pode nos fornecer informações sobre nós mesmos e sobre o nosso ambiente. Alguns filósofos descrevem as [emoções como ferramentas de raciocínio](#), um atalho para filtrar grandes quantidades de informação.

Em tempos de quarentena - quando as comparações muitas vezes envolvem quem tem a melhor versão de estar sozinho - morar com inveja pode abrir nossos olhos para nós mesmos e para o mundo.

Estes sentimentos negativos dizem algo sobre nós mesmos? Eles são específicos para a outra pessoa? Ou eles refletem um sistema injusto?

Estas disparidades podem mudar? Em caso afirmativo, o que pode levar a isso?

Tentar administrar ou evitar sentimentos invejosos não nos permite responder - ou mesmo fazer - essas perguntas.

Beth Daley - Editor and General Manager

Texto original, em inglês: https://theconversation.com/quarantine-envy-could-finally-wake-people-up-to-the-deep-inequalities-that-pervade-american-life-144903?utm_source=whatsapp&utm_medium=bylinewhatsappbutton

Tradução: Kaline Honorio